

## Comentário do Gestor

Julho foi marcado pelo anúncio das tarifas de 50% aplicadas pelos EUA sobre os produtos exportados pelo Brasil, e consequente tensão político-econômica. Sob justificativa política, a carta enviada pelo governo americano não sugere como o impasse pode ser resolvido. Além disso, o STF não deve recuar, Lula não tem muito incentivo para retroceder e Trump parece estar firme no apoio ao seu aliado político no Brasil. Os ativos brasileiros tiveram desempenho inferior aos pares, pelo excepcionalismo da tarifa, a mais alta dentre todos os países do mundo. *US treasuries* abriram, por alguns acordos comerciais fechados em níveis tarifários mais elevados, além de PIB e inflação terem vindo mais forte que esperado nos EUA. As bolsas americanas avançaram, embaladas por resultados das *techs*, com receitas acima do previsto em AI e anúncios, além de previsões de Capex para infraestrutura e energia acima do esperado.

A curva americana de juros abriu, com o vértice de dois anos subindo 24 pontos-base (pbs), a 3,96%, e o de dez anos 15 pbs, a 4,38%. O mercado de renda-fixa apresentou performance levemente negativa: o CDS brasileiro operou próximo à estabilidade, ao abrir 1 pb, para 150 pbs, e o *spread* dos títulos americanos de alto rendimento (*US High Yield*), abriu 5 pbs, para 323 pbs. O DXY (Dólar Index - cesta de moedas contra o dólar americano) avançou 3,2% no mês, em linha com desvalorização de 3,2% do Euro.

Nos mercados acionários internacionais, o índice S&P 500 avançou 2,2%, Dow Jones 0,1% e o Nasdaq 3,7%, enquanto EuroStoxx avançou 0,3%. O índice de volatilidade do S&P 500 (VIX) ficou praticamente estável, indo de 16,73 em junho para 16,72 em julho. No Brasil, devido ao anúncio de tarifas mais altas do que *peers*, o Ibovespa recuou 4,2% e o BRL desvalorizou 3,1%.

Nos Estados Unidos, Adriana Kugler entregou seu cargo de diretora no Fed e Trump demitiu Erika McEntarfer, líder do *Bureau of Labor Statistics*. No primeiro caso, não foi explicado o motivo da entrega do cargo, e existem suspeitas de que a pressão para corte de juros tenha sido a motivação, ainda mais pelo posicionamento *hawkish* da mesma. No segundo caso, o presidente acusou Erika, indicada de Biden, de fraude nos números após um resultado ruim de *Payrolls* referente a julho. Esses dois fatos comprometem a credibilidade das instituições dos Estados Unidos, o que poderia levar à desvalorização de ativos americanos e abertura da curva de juros. Essa fraqueza institucional não parece ter afetado os mercados, ou, talvez, afetou e ficou mascarada pelas confusões diárias e propositais que Trump imputa em seu modo de governar.

Sobre o substituto de Adriana no Fed, Trump nomeou temporariamente, até 31 de janeiro de 2026, Stephen Miran, considerado o responsável pela elaboração das políticas econômicas de Trump,

incluindo a política tarifária. Enquanto isso, vai continuar procurando um substituto permanente, que deve ser o futuro *chair* do Fed. Existem três favoritos: Kevin Warsh, Kevin Hasset e Scott Bessent, com o último já excluído por preferir ficar no Tesouro. Os dois primeiros, assim como Christopher Waller, que corre por fora, estão assumindo posturas públicas mais *dovish* para ganhar o favoritismo do presidente. No fim do mês, FOMC manteve os juros, com 2 dissidentes, em linha com consenso, e com Powell indicando parcimônia para iniciar cortes dos juros. Os índices inflacionários continuam um pouco acima da meta, em elevação frente ao mês anterior, devido às tarifas: CPI a 2,7% a/a (núcleo 2,9% a/a) e PCE a 2,6% a/a (núcleo 2,8% a/a), levemente acima do esperado. O mercado de trabalho mostra sinais de enfraquecimento, com 73 mil vagas criadas em junho, com revisão baixista relevante para os dois últimos meses, bem abaixo do consenso de mercado.

Sobre atividade, o PIB americano do segundo trimestre veio melhor que o esperado, a 3,0% t/t anualizado, acima do consenso de 2,6%, com consumo pessoal e importações piores que o esperado. Por mais que a queda da importação melhore a leitura, evidencia o efeito das tarifas e uma menor propensão ao consumo dos americanos. Outros dados vieram mistos, como produção industrial e vendas no varejo melhor que o esperado, enquanto o ISM, abaixo. O único consenso parece ser o arrefecimento do mercado de trabalho e consumo.

No resto do mundo, o noticiário destacou as tarifas americanas, que foram implementadas agressivamente na Índia, por comprar petróleo russo. Além disso, componentes de geopolítica como motivadores para implementação das tarifas aumenta a discricionariedade e imprevisibilidade das decisões americanas, e acaba punindo alguns aliados próximos e históricos. A Europa vem indicando que quer fechar um acordo, mas Trump, alterando seus posicionamentos a cada momento, não traz uma solução para o tema. A Europa continua como novo alvo de investidores nesse novo momento do mundo, impulsionada pelo pacote fiscal alemão.

No Brasil, as tarifas foram implementadas em seu nível mais alto, apesar de uma extensa lista de exceções, que dirimiram um pouco dos seus efeitos. Dentre os setores críticos ainda taxados em 50%, constam carnes, frutas e café (este último com chance de entrar na lista de exceção). O Brasil continua sem interlocução com o Governo americano, com única via de acesso via empresários, ou via Alckmin e Haddad com Bessent e outros membros mais pragmáticos do Governo Trump. Na política local, oposição aumentou o tom para anistia, com obstrução ao trabalho legislativo, desde que se aprove a pauta sugerida, além do impeachment de Alexandre de Moraes. Lula e seus pares acreditam que esse posicionamento pode trazer popularidade e não interfere na pauta da oposição, mesmo que atrase a reforma de isenção do IR até R\$ 5 mil, pauta popular.



Na seara econômica, BC manteve as taxas de juros em 15%, e a inflação roda um pouco acima de 5% a/a, não permitindo flexibilização monetária de imediato. Mercado estima início do processo de corte de juros no ano que vem, mesmo que ainda modesto, justamente pelo não endereçamento da questão fiscal. Em relação à atividade, os números continuam bons, mesmo com elevado nível de juros, enquanto o fiscal continua surpreendendo pelo lado da arrecadação, o que desmotiva medidas de contenção fiscal por parte do Governo Federal e do Legislativo.

## Desempenho do fundo

O fundo teve rentabilidade de 1,74% no mês, ante CDI de 1,28%, com as maiores contribuições positivas para performance do fundo Master sendo as estratégias de Bonds Corporativos (0,66%), Bonds Soberanos (0,74%) e Equivalentes de Caixa (0,31%). Nos últimos 12 meses, a cota do fundo valorizou 13,75%, contra um CDI de 12,54%, equivalente 110% do CDI ou CDI+1,08%. A volatilidade para esse mesmo período foi de 2,77%. O fundo está com sua *duration* consolidada em 4,30 anos e uma carteira de *bonds* com *yield* de 7,20% em dólares. As maiores posições do fundo Master são: Brasil (soberano), Codelco, Ecopetrol, 3R e CSN.



### OBJETIVO DO FUNDO

O fundo Octante I FIF CIC CP prevê a aplicação de no mínimo 95% do seu PL nas cotas do Octante Master FIF Crédito Privado, que tem como objetivo buscar rendimentos superiores a 100% da variação do CDI no longo prazo, através do investimento em *bonds* corporativos e soberanos da América Latina, concentrado em Brasil, com proteção cambial.

### PÚBLICO ALVO

O fundo se destina a receber, exclusivamente, aplicações de investidores qualificados.

### HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

Retornos mensais	Fundo	CDI	%CDI
Desde o início	639,11%	333,57%	192%
Últimos 12 meses	13,75%	12,54%	110%
jul-25	1,74%	1,28%	136%
jun-25	2,09%	1,10%	190%
mai-25	1,78%	1,14%	156%
abr-25	0,12%	1,06%	11%
mar-25	0,58%	0,96%	60%
fev-25	1,57%	0,99%	159%
jan-25	2,04%	1,01%	202%
dez-24	-1,19%	0,93%	-
nov-24	0,77%	0,79%	97%
out-24	-0,02%	0,93%	-
set-24	1,64%	0,83%	198%
ago-24	1,87%	0,87%	215%

Retornos anuais	Fundo	CDI	%CDI
2025	10,34%	7,77%	133%
2024	8,74%	10,87%	80%
2023	13,35%	13,05%	102%
2022	14,54%	12,37%	118%
2021	4,34%	4,40%	99%
2020	9,20%	2,77%	332%
2019	19,12%	5,97%	320%
2018	10,12%	6,42%	158%
2017	15,70%	9,95%	158%
2016	37,90%	14,00%	271%
2015	4,25%	13,23%	32%
2014	13,98%	10,81%	129%
2013	2,79%	8,05%	35%
2012	17,40%	8,41%	207%
2011	17,15%	11,59%	148%
2010	14,38%	9,74%	148%
2009*	3,73%	4,64%	80%

\*desde 17/06/2009

### INFORMAÇÕES GERAIS

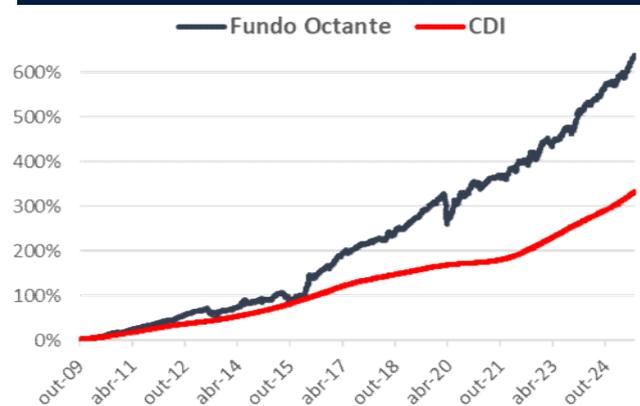
Investimento Mínimo	R\$ 5.000,00
Movimentação Mínima	R\$ 1.000,00
Taxa de Administração*	1,50% ao ano
Taxa de Performance	20% do que exceder 100% do CDI
Classificação Anbima	Multimercados Investimento no Exterior
Horário limite para aplicação	14:00 horas
Cota do Resgate	D+15 dias corridos
Pagamento do Resgate	D+2 da cotização
Banco	Itaú Unibanco (341)
Agência	8541
Conta	37445-3
CNPJ	09.577.092/0001-41
Favorecido	Octante Master FIF Crédito Privado
Gestor	Octante Gestão de Recursos Ltda
Administrador	INTRAG
Custodiante	Banco Itaú S.A.
Auditor	Deloitte
ISIN	BROCTACTF005

\*Taxa de administração total de 1,50% a.a., sendo 1,00% a.a. incidente sobre os investimentos no OCTANTE I FIF CIC CRÉDITO PRIVADO, acrescido de 0,50% incidente sobre os investimentos do OCTANTE I FIF CIC CRÉDITO PRIVADO no Octante Master FIF Crédito Privado

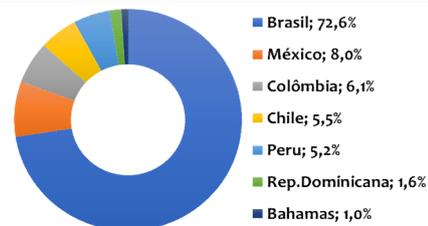
### ESTATÍSTICAS DO FUNDO

% de Meses de Retorno Positivo	82,5%
% de Meses de Retorno Negativo	17,5%
Volatilidade no Mês (Anualizada)	1,45%
Volatilidade 12 Meses (Anualizada)	2,77%
Índice Sharpe 12 meses	0,43
Valor da Cota em 31 de Julho de 2025	7.403,89
PL em 31 de Julho de 2025	58.767.256
PL Médio (12 meses)	51.892.653
PL do Master em 31 de Julho de 2025	127.018.814
Yield da Carteira de Bonds em USD	7,20%
Duration Média Consolidada	4,30 anos

### RENTABILIDADE HISTÓRICA

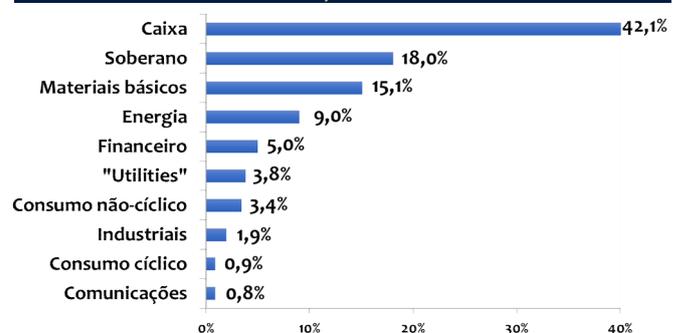


### COMPOSIÇÃO POR PAÍS



Composição por país da carteira de bonds

### COMPOSIÇÃO SETORIAL



As informações contidas nesse material são de caráter exclusivamente informativo. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do fundo garantidor de crédito - FGC. Ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do regulamento do fundo de investimento ao aplicar seus recursos. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura e a rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Não há garantia de que este fundo terá o tratamento tributário para fundos de longo prazo. Os fundos de crédito privado estão sujeitos a risco de perda substancial de seu patrimônio líquido em caso de eventos que acarretem o não pagamento dos ativos integrantes de sua carteira, inclusive por força de intervenção, liquidação, regime de administração temporária, falência, recuperação judicial dos emissores responsáveis pelos ativos do Fundo.